

## **Zé Bracim**

Ele nasceu assim,

Sozinho

Só Zezim.

E já menino quebrou o braço direito

Que atrofiou afinou e imprestou

E virou Zé Bracim.

E caiu no mundo a trabalhar, sempre sozim

foi vaqueiro, carvoeiro, fez de tudo na roça

porque foi muito é trabaiador

e fez de um tudo e não foi nada

só Zé Bracim.

Sem pai, nem mãe, irmão, parente ou derente

Cadê sua família seu Zé Bracim? No mundo, esparramado

E seus parentes? Esparramado

Cê sabe onde eles tão? Esparramado

E amigo, primo? Tem não.

E mulher e filho? Sou sozim, eu e Deus

Mulhé é coisa de muita responsabilidade e filho mais ainda

Quem não guenta tem é que ficar sozim.

Mas Zé Bracim teve uma paixão

Por quem caiu e se arrastou pelas estradas, por quem pediu e chorou

E se lambusou nos seus beijos e goles

E tomou e bebeu tanto que se viciou

E da pinga não se separou.

Já cinquentão, vivia sozim, esmoler, escondido numa tapera na Rebeca

Mesmo assim recebia cesta básica do exército

Mas o povo da Rebeca dava-lhe da namorada

E no delírio, perdia sua comida, sua vida, seu chão.

Foi quando apareceu o Santim

Santim tinha fazenda, simples mas tinha

Tinha um barracão despedaçado, outra tapera, mas tinha

E tinha comida e família e trabalho

E era muito bom.

E Santim levou Zé Bracim para o Sucruíú.

E Santim tinha boi e plantação e porco e galinha

E até comércio tinha na fazenda

E não é que o Santim fazia pinga.

E o Zé Bracim ajudava

E limpava e lavava e plantava e colhia e tocava e apartava e tirava leite e fazia pinga e vendia

E bebia.

E continuou trabalhando

Pois o Santim era muito bom

Dava-lhe um pouquim de comida e um servicim

um taquim de carne ou de toucim e mais servicim

e vigiar a cerca e o gado, só para não ficar à toa

Mas o gado bravo machucou Zé Bracim

E veio o derrame, a imprestabilidade do lado esquerdo do corpo

E Zé Bracim já quase nada podia fazer

Mas ainda tem um trabalhim

E olha a fazenda e a casa, e vigia a cerca, o gado e as galinhas, e cultiva horta

Tudo sozinho, pois o Santim já se mudou para a Pirapora

E Zé Bracim foi ficando, por mais de dez anos

Sozinho

E sozim olha a fazenda.

Mas eu rezo, sei todo tipo de oração, rezo de manhã de tarde e de noite

Rezo e ninguém me vê, rezo e espanto o cão, rezo e a ajuda vem.

E não é que Santim não desiste em ajudar

E tira documento, identidade, carteira de trabalho e tudo

E Zé Bracim vira cidadão brasileiro, já pode até votar

Mas Santim quer mais, o aposento

E consegue

Zé Bracim vira cidadão posentado

Mas cadê o posento? Santim tá pagando as despesas, hospital, médico, exame, viagem, gasolina

É tanta dívida que nada sobra para Zé Bracim

Que sozinho passa fome, desamparo e solidão.

E a fazenda já é uma gaiola,

a gradidão, cerca a fazenda de grades

a confiança, leva-lhe o dinheiro, o aposento, e fica a fome e o medo

Zé Bracim tem até a chave da gaiola, da cancela da fazenda

Mas não pode ir, deixá a fazenda não, os ladrão vão roubá tudo, num pode.

E Zé Bracim, cidadão, aposentado, já é um escravo

Não. Não posso ir embora. Aqui fico, seu Santim vem.

Mas é quem vem são os meninos do Estado

E o Estado quando vem não pode deixar ficar, tem que mudar, tem que levar

Vem a moça da assistência social e da psicologia

E tem que ir, não pode ficar

E os meninos chegam e levam tudo, até o Zé Bracim

E ficam o silêncio, a gaiola quebrada e ... o choro do Santim

E Zé Bracim quer chorar também, mas o menino do Estado não deixa

O menino não teve medo de nada, só do choro do Zé Bracim.

E Zé Bracim, desparentado, foi para a Pirapora

Para o São Vicente de Paula

Onde ficou, amontoado a um monte de velhinho

Feliz, mas ainda assim ...

... Sozinho.